

# Arena da fé: a pregação como vetor teológico de conflitos em Ambrósio de Milão em fins do IV século<sup>1</sup>

## Arena of faith: preaching as the theological vector of conflicts in Ambrose of Milan at the end of the fourth century

**Bruno Alves Coelho**

Mestre em *Identidad Europea Medieval* pela Universitat de Lleida. Graduado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

**Resumo:** A vida de Ambrósio de Milão no governo de sua igreja foi um período marcado por inúmeros conflitos. Estes, deram-se desde o campo político até o doutrinário entre os cristãos sob seus cuidados. Neste artigo propomos um olhar atento para a raiz de todos eles: a teologia ambrosiana. A fim de incutir entre os cidadãos de Milão a radical novidade da vivência cristã, o Bispo irá lançar-se ao embate aberto contra o paganismo, as filosofias helenistas contrárias à compreensão cosmológica bíblica, os movimentos heterodoxos cristãos, sobretudo os arianos, e as políticas contrárias ao agir cristão por parte das autoridades governantes. Adentrando nesta arena ambrosiana, propomos uma análise de sua obra sobre o *Hexaëmeron*, donde emerge claramente o

**Abstract:** The life of Ambrose of Milan in the government of his church was a period marked by numerous conflicts. These were given from the political field to the doctrinal field among the Christians in their care. In this article we propose a careful look at the root of all of them: Ambrosian theology. In order to instill in the citizens of Milan the radical newness of Christian living, the Bishop will launch an open battle against paganism, Hellenistic philosophies contrary to biblical cosmological understanding, Christian heterodox movements, especially the Aryan, and policies contrary to Christian action by the ruling authorities. Entering this Ambrosian arena, we propose an analysis of his work on the *Hexaëmeron*, which clearly shows the use of preaching as

---

<sup>1</sup> Esclarecemos que esta é uma expansão temática dos resultados de parte de nossa pesquisa de mestrado. Assim, apresentamos a biografia de Ambrósio e o seu *Hexaëmeron* do texto original da pesquisa e que, de certa forma, também estão em obra de nossa autoria: COELHO, B. A. *A Teologia da Criação de São Boaventura*. Uma necessária comparação entre o *Hexaëmeron* de São Boaventura (séc. XIII) com o *Hexaëmeron* de Santo Ambrósio (séc. IV). Curitiba: Editora CRV, 2019. Para a temática ambrosiana, indicamos as páginas 63 a 82.

uso da pregação como vetor teológico dos conflitos vividos pela Igreja milanesa em fins do IV século.

**Palavras-chave:** Ambrósio de Milão; pregação; *Hexaëmeron*; conflito urbano; sociedade romana antiga.

a theological vector of the conflicts experienced by the Milanese Church at the end of the fourth century.

**Keywords:** Ambrose of Milan; preaching; *Hexaëmeron*; urban conflict; ancient Roman society.

Ambrósio de Milão encarna perfeitamente o espírito de novidade trazido pelo cristianismo no tocante à visão de mundo e ao governo das almas. Sua atividade à frente do bispado de Milão será marcada por abertos conflitos políticos com as autoridades imperiais romanas. Para além das resoluções em si, tais conflitos testemunham a lenta mudança no relacionamento entre Igreja e sociedade e, além disso, evidenciam a progressiva construção da autoridade episcopal como instituição reguladora da vida social local a partir do poderoso instrumento da pregação.

Não é possível a compreensão dos atos de conflito de Ambrósio frente às autoridades imperiais sem se ter em mente a forma radical como ele abraçou a fé cristã nicena e também como ocupou seu lugar como bispo. O viver civil não está fora do âmbito eclesial para os cristãos do IV século, por isso, Ambrósio dará profunda carga teológica em suas orientações sobre como os fiéis e cidadãos de Milão devem conviver – tais instruções contemplam inclusive as autoridades governantes do Império que se tornava cristão.

Neste artigo traremos os dois principais pontos de intervenções ambrosianas geradores de conflitos: política e doutrina – no primeiro caso, apenas o apontaremos como forma de contextualização, pois, nosso foco aqui é o conflito teológico vivido por Ambrósio e os cidadãos de Milão. Embora tratados de formas díspares, não é possível a separação destes, pois, formam parte de um todo. Ademais, os conflitos políticos são possíveis neste contexto porque o cristianismo não era vivido apenas no foro interno, mas, sobretudo, em âmbito social comum. Justamente por isso, as concepções de mundo e fé cristãos é que serão as balizas que definirão a validade ou não das intervenções do bispo de Milão. Assim, propomos um olhar atento à conflituosa relação com as autoridades romanas na biografia/hagiografia ambrosiana como registro de suas intervenções, mas, buscaremos as motivações desses atos em sua teologia e em sua pregação tomando como guia seu *Hexaëmeron*<sup>2</sup>, na tentativa de demonstrar que a pregação antiga não apenas expunha doutrinas, mas,

2 SANTO AMBRÓSIO. *Examerão*. Os seis dias da criação. São Paulo: Paulus, 2009. Embora tenhamos à mão uma edição traduzida da obra, preferimos manter o título latino *Hexaëmeron*, pois este demonstra melhor que sua tradução portuguesa o conteúdo da obra. Citaremos o conteúdo desta obra pela forma abreviada “Hexa.” e sua devida referência de edição no texto.

inclusive, era importante lugar político e ocupou destacado papel de embate entre o *ethos* tradicional romano e a nova construção social cristã no século IV proposta por uma Igreja em vias de crescimento e fortalecimento por um lado e, por outro, ocupou destacado lugar de enfrentamento dos movimentos cristãos heterodoxos sob o ponto de vista niceno.

## Breve biografia de Ambrósio de Milão

A vida de Ambrósio é conhecida principalmente a partir de seu primeiro biógrafo, Paulino de Nola<sup>3</sup> e dos comentários de seu mais célebre discípulo, Agostinho de Hipona. Mas, como a vida dos grandes homens do passado não passava pelo crivo da ciência histórica como a conhecemos atualmente, surgem dúvidas quanto à veracidade e precisão das narrativas, com acentuações ou omissões de determinados fatos, devido ao claro sentido hagiográfico das “vidas”, deixando assim, um campo aberto para pesquisas e novas descobertas<sup>4</sup>.

De qualquer forma, partindo das consagradas fontes que dispomos, concordamos em afirmar que Ambrósio nasceu entre 333-334 ou entre 339-340 em Tréveros e descendia de uma família muito importante e rica e que ocupava postos de governo no Império Romano.

Ambrósio nasceu quando seu pai era administrador da Gália, possivelmente desempenhava o cargo de *praefectus*. Porém, seu pai veio a falecer pouco após seu nascimento. Assim, sua mãe retornou a Roma juntamente com seus dois irmãos, Marcelina e Sátiro. “Em Roma, recebeu a formação dos nobres romanos, estudando gramática, literatura grega e romana, retórica e direito. Não lhe faltaram ainda a frequência ao circo e ao teatro. Ao lado dessa formação, recebeu, também, educação religiosa, destinada aos catecúmenos” (FRANGIOTTI, 2005: 9). Sua sólida formação intelectual somada aos seus talentos pessoais levaram-no também a seguir os passos de seu pai, ou seja, com o passar dos anos, tornou-se também alto funcionário do Império.

Sua proeminência tornou-se clara quando Ambrósio teve que intervir no processo de sucessão do bispo de Milão, com a morte de Auxêncio, entre 373 ou 374. O antigo bispo era ariano e o clima era muito tenso para a eleição do novo pastor

3 Cf. PAULINO DE NOLA. *Vita Sancti Ambrosii*. [http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397,\\_Ambrosius,\\_Vita\\_Sancti\\_Ambrosii\\_Mediolanensis\\_Episcopi\\_\[A\\_Paulino\\_Ejus\\_Notario\],\\_MLT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397,_Ambrosius,_Vita_Sancti_Ambrosii_Mediolanensis_Episcopi_[A_Paulino_Ejus_Notario],_MLT.pdf) [Consultado 21 de fevereiro de 2019]. Daqui pra frente abreviada por VITA seguida de sua devida correspondência na edição.

4 Daniel H. Williams nos traz importantes observações sobre a composição da *Vita Sancti Ambrosii* por Paulino de Nola e como esta fonte foi recebida e trabalhada pela historiografia de inícios do século XX, cf. Williams, 1995: 104-112.

porque as diferenças entre arianos e nicenos estavam a ponto de explodir em derramamento de sangue. Entretanto, Ambrósio “agiu com tamanha eficácia, controlou os ânimos das facções com tanta moderação que os partidos opostos se uniram para elegê-lo bispo. Reconhecendo na unanimidade a vontade de Deus, Ambrósio aceitou o cargo, não depois de muitas tentativas de recusa” (FRANGIOTTI, 2005: 10). Sua eleição gerou grande polêmica porque desde o Concílio de Niceia (325), era proibida a ordenação de um não batizado. Neste período Ambrósio era catecúmeno e teve seu processo acelerado para que pudesse assumir a frente da Igreja de Milão.

Em pouco tempo transformou-se em “astro luminar” do Ocidente. Todavia, é necessário levar em conta o processo de aprendizado de Ambrósio no tocante à fé e à teologia, fato que o próprio Bispo humildemente reconhece que “ensinou antes de aprender” (cf. BENEDITO, 2019: 123), ao que Ayres nos fornece uma importante informação sobre a inicial atividade episcopal de Ambrósio: sua atuação na política eclesial foi mais importante para a Igreja na década de 370 a 380 do que sua influência como teólogo (cf. AYRES, 2004: 265), fato que mudará sensivelmente nas atividades ambrosianas a partir de 381 (data do Sínodo de Aquileia e do Concílio de Constantinopla), em que Ambrósio ganhará grande destaque como teólogo e, conseqüentemente, terá suma importância para o desenvolvimento da teologia ocidental, alinhando, assim, grande envergadura política com igual envergadura teológica.

## **A conflituosa relação com as autoridades romanas**

Quatro fatos ímpares ilustram sua consciência de cristão e sua referência como grande bispo. Dois destes eventos, dados em 384 e 386, são abordados indiretamente por Ambrósio em pregações que compõem seu *Hexaëmeron*. Todavia, como a obra é de 387 ou 388, as referências do primeiro evento, ocorrido em 384, nas pregações já indicam a sua resolução, afinal, o registro é bastante posterior aos eventos; caso completamente diferente do segundo evento que ocorreu em 386, ou seja, no máximo dois anos antes de ser abordado por Ambrósio em suas pregações, e que estava ainda bem vivo na memória coletiva e as conseqüências eram ainda sentidas.

O primeiro ocorrido deu-se quando o prefeito de Roma Aurélio Símaco pediu ao imperador Valentiniano – no caso à sua mãe, Justina, pois, em 384 ele era ainda uma criança – que recolocasse o altar da Vitória (deusa pagã) no Senado. Depois de missivas ao imperador e deliberações do consistório, numa de suas pregações Ambrósio “lembrou” aos romanos, com grande retórica e carga teológica, que o tempo do paganismo não tinha mais volta e, com isso, o pedido do senador

acabou sendo negado (cf. VITA 26; BAUNARD, 1899: 200-216; DROBNER, 1999: 337). Embora o *Hexaëmeron* seja posterior a esta admoestação pública de Ambrósio, o pregador deixa muito claro que o tempo do paganismo está superado quando ele propõe princípios morais que devem superar os antigos<sup>5</sup>.

No ano de 386, outro fato. Houve a cessão de uma das principais basílicas de Milão (basílica Portiana) a partidários arianos. Durante a Semana Santa Ambrósio convocou o povo para que entrasse naquela basílica e por lá ficaram rezando e cantando. A imperatriz convocou o exército para desocupar a basílica. Contudo, os soldados não conseguiram convencer o povo e o Bispo a deixarem o local e, com isso, foram autorizados a entrar e retirá-los à força. Todavia, quando os soldados entraram – assim nos contam as narrativas antigas –, o que aconteceu foi o contrário: também os soldados se juntaram ao povo, engrossando ainda mais a fileira dos fiéis. A partir deste fato, a imperatriz acabou reconsiderando a doação da basílica (cf. VITA 13; BAUNARD, 1899: 257-261; DROBNER, 1999: 337-338). Como destacaremos mais abaixo, quando entrarmos no *Hexaëmeron* ambrosiano, há fervoroso embate contra o arianismo.

O terceiro episódio deu-se no ano de 388, mas, com o Augusto do Oriente Teodósio (em 381, Teodósio transferiu uma das sedes imperiais para Milão e, com isso, desenvolveu grande senso de colaboração e amizade com Ambrósio). Aconteceu que um grupo de cristãos da cidade de Calínico destruiu uma igreja dos maniqueus e, acrescentou à “obra” a destruição de uma sinagoga. Teodósio foi taxativo com o bispo de Calínico: este teria que arcar com as despesas da reconstrução da sinagoga. A humilhação pública deste bispo encontrou eco nas pregações de Ambrósio que, aproveitando a ida do imperador a Milão, durante a homilia disse que o tempo das sinagogas havia passado. O imperador entendeu o “recado” e desconsiderou sua ordem ao bispo de Calínico (cf. VITA 22-23; BAUNARD, 1899: 312-318).

Um quarto ocorrido entre Ambrósio e o poder político foi em relação ao massacre em Tessalônica (cf. VITA 24; DROBNER, 1999: 338-339) autorizado por Teodósio, em 390. É justo, porém, lembrar que o imperador só despachou esta ordem porque os massacrados de agora, estavam envolvidos numa revolta que culminou na morte de vários soldados do Império. No entanto, a ação de Ambrósio foi imediata: ao saber da chacina simplesmente excomungou o imperador e, se este quisesse ser readmitido na vida eclesial teria que fazer uma pesada penitência pública. Penitência que o “piedoso” Teodósio aceitou e cumpriu. Segundo Drobner, contudo, é necessário olhar para o evento da penitência e confissão pública de Teodósio não como um ato político que opusesse o poder eclesial ao poder secular, mas, como ato

<sup>5</sup> Isto ficará bem evidente quando o pregador comparar o modo de ser dos animais em relação aos seres humanos.

intraeclesial, ou seja, a relação que se estabelecia neste episódio era entre cristãos: o pecador que passava por penitência e o bispo que acompanhava o penitente em sua busca de reconciliação, portanto, a verdade deste marcante evento era o ato de fé celebrado e não uma imposição política do Bispo sobre o Imperador (cf. DROBNER, 1999: 339).

Enfim, o que se nota nas atitudes de Ambrósio à frente da Igreja de Milão é a sua consciência sobre o poder temporal e o “poder divino”, ou seja, a Igreja já começa a ter um papel importante na imposição de limites aos abusos cometidos pelos príncipes. Todavia, este processo não pode ser encarado sob viés de uma oposição Igreja-Estado, mas, a atuação política do Bispo dentro da Igreja que é parte integrante do Império. Assim, as intervenções de Ambrósio têm, antes de tudo, um viés religioso que tentava consolidar as raízes das definições nicenas na busca da união eclesial tanto em doutrina quanto em disciplina, mas, entendendo a Igreja como parte da vida imperial.

## **A Pregação de Ambrósio: a conflituosa arena teológica do *Hexaëmeron***

A atividade pastoral de Ambrósio frente à sua igreja será marcada por um contexto bastante complexo do cristianismo: a segunda metade do século IV será um *campo de batalha* doutrinal para as lideranças eclesiais no tocante à implementação e vitória da teologia nicena frente aos movimentos heterodoxos cristãos, sobretudo o arianismo. A atuação de Ambrósio neste contexto tem como pano de fundo a nova concepção de vida difundida pelo cristianismo e que ele tão radicalmente absorveu como único modo de vida. Para entender este plano teológico ambrosiano, suas homilias sobre o *Hexaëmeron* são fundamentais.

### **O *Hexaëmeron* de Santo Ambrósio**

O *Hexaëmeron* de Ambrósio de Milão é uma das mais magníficas obras de comentários ao texto bíblico da criação (Gn 1,1-2,4a). A obra é inspirada em Basílio Magno, o primeiro a tecer longos comentários exegéticos sobre os seis dias da criação em sua obra *Hexaëmeron*. Na verdade, tanto a obra de Basílio quanto a de Ambrósio não constituem tratados sobre a criação e muito menos uma exegese bíblica sistematizada sobre a temática, mas, ambas, são uma coleção de nove homilias (ou sermões) proferidas durante a Semana Santa. Porém, as homilias de Basílio Magno possuem um caráter de busca do sentido literal do texto da criação enquanto Am-

brósio irá partir do sentido literal para alcançar as verdades da fé e também tecer ensinamentos morais, o que não isenta o Bispo de Milão da concepção literal comum de sua época de que a criação de tudo que existe por Deus tenha ocorrido em seis dias de vinte e quatro horas. O fato é que “em seu *Examerão*, Ambrósio endossa a interpretação literal de que a cada dia de 24 horas corresponde uma ou várias ações criadoras de Deus, que finalmente descansou no sétimo dia, o sábado” (TOLEDO, 2008: 40). Sua aproximação dos textos bíblicos é sempre respeitosa, simples e humilde, atitudes que lhe conferem uma maneira ímpar e desproblematizada de enxergar a criação de forma teológica garantindo o bom êxito da clara oposição à filosofia helenista e suas contradições, por exemplo, entre matéria e espírito, Ser absoluto e seres contingentes.

Originalmente a obra não se deu por escrito, mas, seguiu o ritmo normal ambrósiano de criação, ou seja, o pregador preparava os sermões apoiando-se na memória e em apontamentos e, posteriormente, redigia ou ditava (para notários) seu conteúdo sem, contudo, mudar a natureza daquilo que foi celebrado em público, isto é, a obra conserva a estrutura e o conteúdo original de suas pregações, incluindo a manutenção de termos próprios de oralidade (cf. OLIVAR, 1991: 910).

Ambrósio profere as nove homilias que compõem o *Hexaëmeron* na Semana Santa do ano de 387 ou 388. Sua metodologia é bem simples e clara: durante a pregação da manhã ele expõe conteúdos que abordam as verdades da fé e durante a pregação vespertina a abordagem passa a exortações morais, mas, sempre em consonância com os temas da manhã e seguindo a ordem dos relatos bíblicos da criação. A tradução do *Hexaëmeron* que este trabalho dispõe identifica assim as homilias: **primeiro dia** – homilia matutina, Hexa. I, 1, 1 – I, 6, 24 (p. 17-39) e homilia vespertina, Hexa. I, 7,25 – I, 10,38 (p. 39-56); **segundo dia** – é a terceira homilia da série, mas, neste segundo dia de pregação no qual aborda o segundo dia da criação, profere apenas uma homilia vespertina: Hexa. II, 1, 1 – II, 5, 22(p. 57-75); **terceiro dia** – homilia matutina, Hexa. III, 1, 1 – III, 6, 24 (p. 77-93) e homilia vespertina, Hexa. III, 6, 25 – III, 17, 72 (p. 94-129); **quarto dia**, uma única homilia à tarde – Hexa. IV, 1, 1 – IV, 9, 34 (p. 131-161); **quinto dia**, apresenta a sétima e a oitava homilias da série proferidas à tarde do mesmo dia e separadas apenas por uma breve interrupção do pregador – Hexa. V, 1, 1 – V, 11, 35 (p. 163-191) e Hexa. V, 12, 36 – V, 24, 92 (p. 191-224); **sexto dia**, uma única homilia neste dia, mas, sem indicação do momento em que foi dita, ou seja, não há referência se pronunciada de manhã ou à tarde – Hexa. VI, 1, 1 – VI, 10, 76 (p. 225-278).

Apresentado o plano da obra, destacamos abaixo os temas conflituosos que esta aborda, dando espaço para que o próprio pregador as elenque, discorde e pro-

ponha soluções.

## Deus: autor e princípio da criação

Ambrósio inicia sua reflexão sobre a criação trazendo à tona um dos temas mais caros da teologia e da antropologia teológica: Deus como autor e fonte de tudo o que existe. Ele começa a obra polemizando contra os filósofos gregos, especialmente Platão que atribuía três princípios para todas as coisas: Deus, modelo e matéria. Tais princípios seriam incorruptíveis, incriados e sem início. Deus seria apenas o modelador/artífice da matéria e não seu criador. Assim, Deus criara o mundo da matéria sendo que esta deu a todas as coisas as condições de gerar; o que, em última análise, recai na afirmação de que o mundo em si mesmo seria incorruptível, não criado e não feito. Ambrósio estende o debate também a Aristóteles que estabeleceu dois princípios para a origem das coisas: matéria e forma; sendo que a estes dois é acrescido um terceiro: o princípio eficiente que seria o responsável por produzir convenientemente tudo que fosse necessário. Ao analisar estes dois pontos de vista filosóficos o Bispo de Milão quer mostrar a confusão do pensamento pagão em misturar princípios humanos com princípios divinos em relação ao pensamento cristão

Ora, o que pode ser tão inadequado como ligar a eternidade da obra com a eternidade do Deus onipotente, ou então dizer que a obra em si mesma é deus, e envolver céu, terra e mar com honras divinas? Daí resultou acreditarem que partes do mundo fossem deuses, embora o mundo em si mesmo não seja entre eles uma questão de pouca monta (Hexa. I, 1, 1-2).

Não obstante esta polêmica inicial ele aprofunda a discussão na tentativa de buscar a verdade sobre a origem do mundo num debate com o pensamento filosófico grego. Para tal, cita Pitágoras que propõe um único mundo; Demócrito, que afirma a existência de inumeráveis mundos; Aristóteles, que afirma a perpétua e constante existência do mundo; Platão, o mundo nem sempre existiu, mas existirá para sempre, embora outros pensadores utilizando o mesmo Platão provem que o mundo nem sempre existiu e que também não existirá para sempre. Assim, como entender e buscar a verdade sobre a criação? Para extirpar tal confusão criada por mente humana, o próprio Espírito divino suscitara em Moisés (o Pentateuco era tido como escrito por Moisés) a reta doutrina da criação

*No princípio Deus fez o céu e a terra.* Uniu o início das coisas, o autor do mundo e a criação da matéria, para compreenderes o seguinte: primeiro, Deus existia antes do início do mundo, ou melhor, que Ele é o início de todas as coisas [...]; segundo, que Deus deu o início à geração das coisas; terceiro, que Deus é o criador do mundo –



e não um imitador da matéria, comandado por uma certa ideia, e que da matéria tivesse formado suas obras não por seu próprio arbítrio, mas pela contemplação de um modelo (Hexa. I, 2, 5).

Ademais, eis uma das conclusões de Ambrósio, a dignidade dada por Deus a Moisés de libertar o povo também é a mesma que ele possui ao falar das origens da criação divina. As filosofias pagãs atestam ideias ilusórias sobre a criação porque seus pensadores não conheceram a Deus, ou seja, a confusão das filosofias gregas não é apenas ou meramente conceitual, mas, têm uma raiz mais profunda e que os cristãos devem se ater a isto, pois, em última análise elas falam do mistério sem conhecê-lo.

Partindo desta constatação de fé, Ambrósio mostra que o próprio texto bíblico já revela que o mundo foi criado por Deus. Para tal, ele se detém na exegese dos principais termos de Gn 1,1: “No princípio, Deus criou o céu e a terra”, com o intuito de demonstrar que tudo o que existe foi criado por Deus, que aquilo que foi criado não se confunde com o Criador e que tudo partiu de Deus e não da imitação da matéria. *No princípio*: compreender que o mundo tem um princípio/começo e que foi Deus quem deu este início. Porém “Deus deu princípio ao mundo, mas deu também debilidade àquilo que criou, para que não acreditássemos que o mundo seja sem começo, incriado e participante da substância divina” (Hexa. I, 3, 8). *Fez*: demonstra rapidez na obra criada,

ninguém o viu fazendo, viu o que foi feito. Onde, pois, está a demora, se tu poderes ler: *porque Ele disse e tudo foi feito, Ele mandou e tudo foi criado?*[Sl 33,9; 148,5] Pois não recorre a arte e nem a virtude quem, num instante de sua vontade, completou a maravilha de tão grande obra: dar existência às coisas que não existiam, com tanta rapidez, que nem a vontade precedeu à obra, nem a obra à vontade (Hexa. I, 3, 8).

A análise ambrosiana acerca do “no princípio” será levada às últimas consequências e abordada com toda sabedoria e criatividade o que, conseqüentemente evoca vários sentidos ao “princípio”. Isto ocorre no *Hexaëmeron* por causa de seu diálogo com a filosofia helenista, tão em voga em sua época e que, ao olhar do pastor, tanto mal causava à compreensão cristã das Escrituras. *No princípio Deus fez o céu e a terra*: quer mostrar um princípio, referido ao início temporal propriamente dito, à ordem e ao alicerce. **Princípio como tempo**: “O princípio refere-se ao tempo, se queres dizer em que tempo Deus fez o céu e a terra, isto é, no começo do mundo, quando o mundo começou a ser feito, como diz a Sabedoria: *Quando preparava os céus, eu estava com Ele* [Pr 8,27]” (Hexa. I, 4, 12). **“Princípio” como ordem**: “convém que entendas assim: primeiramente fez o céu e a terra, em seguida as colinas,

as regiões e os territórios habitáveis. Ou melhor, antes das outras criaturas visíveis – o dia, a noite, as árvores frutíferas, as diversas espécies de seres vivos – Deus fez o céu e a terra” (Hexa. I, 4, 12). “**Princípio**” como alicerce: “leste que o princípio é o alicerce da terra, quando a Sabedoria diz: *Quando Ele firmava os alicerces da terra, eu estava em suas mãos, pondo ordem* [Pr 8,29-30]” (Hexa. I, 4, 12). **Princípio como início místico**: interpretado como sendo o Cristo partícipe de toda a obra divina, ou seja, criação em/ nele/ para Cristo demonstrando que “No princípio Deus fez o céu e a terra” pode também ser entendido como fora do tempo e criado do nada. Assim, brotam duas conclusões morais sobre o “princípio”: A primeira é que o “princípio” é uma virtude de Deus que deve ser imitada pelos homens.

Pela autoridade das Escrituras, sabemos que se pode falar também de um princípio de conversão e de um princípio de depravação [cf. Pr 16,5; Sb 14,12]. Assim também, o princípio da arte é a própria arte, a partir da qual se inicia o trabalho dos diferentes artífices. Do mesmo modo, o princípio das boas obras é a ótima finalidade – de modo que o princípio da misericórdia é que tudo o que façamos seja agradável a Deus; assim sendo, somos impelidos ao máximo a prestar ajuda aos homens. É certamente uma virtude divina a que se exprime na palavra “princípio” (Hexa. I, 4, 12).

A segunda é que o “princípio” instrui o fiel na reta disciplina do temor do Senhor e, conseqüentemente, leva a uma vida remida:

É ainda o princípio da boa disciplina, como diz o provérbio: *O início da sabedoria é o temor do Senhor* [Sl 111,10; Pr 1,7; 9,10], porque quem teme o Senhor abandona o erro e dirige seus caminhos para a senda da virtude. Portanto, sem temer a Deus, ninguém pode renunciar ao pecado (Hexa. I, 4, 12).

Enfim, o mundo é sinal de Deus

[...] este mundo é um sinal da divina majestade, de forma que através dele se manifesta a sabedoria de Deus. Vendo este mundo e simultaneamente elevando os olhos do espírito até as coisas invisíveis, o profeta diz: *Quão magníficas são tuas obras, Senhor! Tudo fizeste com Sabedoria* [cf. Sl 104,24] (Hexa. I, 5, 17)

e tal realidade derruba os argumentos pagãos sobre a criação do mundo pois evidenciam que toda a criação parte da pura vontade de Deus e é doação amorosa.

E não é por acaso que lemos que o mundo foi realmente “feito”, porque a maior parte dos pagãos, que querem que o mundo seja coeterno a Deus, como que um esboço da virtude divina, asseveram que o mundo subsiste por si mesmo. E embora admitam que Deus seja sua causa, entendem, como causa, ter sido feito o mundo não pela vontade e determinação divina, mas da mesma forma que a causa da sombra

é o corpo. Com efeito, a sombra adere ao corpo e o brilho à luz natural, atestando mais uma associação do que uma vontade. Portanto, Moisés diz bem que *Deus fez o céu e a terra*; não disse que os colocou abaixo de si; não disse que forneceu a causa para o mundo existir – mas que, sendo bom, fez o que seria útil; sendo sábio, fez o que julgava ótimo; sendo onipotente, fez o que previa ser de mais ampla dimensão. Ora, como poderia haver sombra onde não havia corpo, já que não pode haver esboço corpóreo de um Deus incorpóreo? Da mesma forma, como o esplendor da luz incorpórea pode ser corpóreo? (Hexa. I, 5, 18).

Sua conclusão de toda a criação é que esta é obra da Trindade, feita pela onipotência de Deus e do Senhor Jesus, bem como do Espírito Santo. Ademais, Deus criou tudo, inclusive a matéria e, “portanto, foi como autor que Deus fez o céu e a terra e prescreveu que passassem a existir; não foi como inventor de uma configuração, mas como artífice da natureza” (Hexa. II, 1, 2).

### **A perfeição da obra: “Deus viu que era bom”**

Ambrósio parte do que diz a Escritura, ou seja, toda a criação é obra de Deus e “Deus viu que era bom”. Assim, a criação é boa por natureza de fonte: Deus é sua origem e, portanto, ela é boa em seu conjunto. Embora exista a presença do mal no mundo, tal realidade não tira a bondade da obra divina e nem a torna má. Citando Paulo, Ambrósio é muito seguro e otimista quanto à bondade e perfeição da criação: “[...] a criação foi submetida à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a submeteu na esperança [cf. Rm 8,20]. A própria criação, por sua vez, será libertada da escravidão da corrupção, quando brilhar a graça da recompensa divina” (Hexa. I, 6, 22).

A intenção ambrosiana ao afirmar a perfeição e bondade da criação, porém, não reside apenas em “livrar” os cristãos dos riscos do dualismo helenista e também da supervalorização da matéria com atributos divinos. Afirmer a bondade da criação tem dupla carga para Ambrósio: a primeira é de caráter místico que remete o cristão ao mistério da vontade do criador em fazer tudo o que existe no Filho pelo Espírito, mas, o autor não insiste muito nesta temática; e a segunda de caráter moral e incide diretamente contra os arianos e os eunomianos que afirmavam a indignidade da criação. É preciso entender, todavia, que os caracteres estão intimamente ligados e não podem ser tomados separadamente. Pela mística se reconhece que o Pai e o Filho fazem tudo o que existe e atestam a bondade do criado:

Por isso lê-se que “*Deus disse*” e “*Deus fez*”: o Pai e o Filho são honrados pelo mesmo nome de majestade. *E Deus viu que era bom*. Disse a quem sabia tudo o que o Pai

queria; viu tudo o que o Filho fazia com sabedoria, sustentando e fazendo ele também, em ação conjunta (Hexa. II, 5, 18).

Pela moral o cristão é levado a reconhecer que toda a obra criada é boa, apesar da misteriosa presença do mal no mundo e que o “viu que era bom” significa também que “o Filho vê a obra do Pai, assim como o Pai vê a do Filho, conforme o próprio Senhor declarou: *O Filho não pode fazer coisa alguma por si mesmo, a não ser aquilo que viu o Pai fazer* [Jo 5,19]” (Hexa. II, 5, 19), ou seja, o Filho fez com o Pai e ambos viram que era bom, mas, aos homens quem testemunha a bondade é o Filho, isto é, viu para eles, aprovou para eles. E isto, conseqüentemente, faz com que todos reconheçam a bondade da criação já na vontade inicial de Deus, logo, a obra criada já é boa em sua protologia e não apenas na sua consumação e acabamento e é boa tanto nas partes quanto no todo, e também a real divindade e a real humanidade do Filho devem ser confessadas.

### **A criação evoca a Igreja: analogia da videira**

Neste ponto de sua obra, o terceiro dia da criação, Ambrósio coloca em prática toda a sua cultura adquirida ao longo de sua formação. Faz um longo apanhado das várias espécies de árvores e vegetais de que dispõe com a clara intenção de chamar a atenção dos ouvintes para a grandiosidade deste dia que evoca a Igreja. O pregador é muito criativo nos exemplos dados e na forma de exposição e abundam as analogias entre os elementos criados e a Igreja.

Ambrósio identifica nas formas mais simples da vida quotidianas os grandes exemplos em que a natureza, por vontade de Deus, está edificando o homem em sua caminhada como Igreja. Por exemplo, a videira. A videira é um exemplo consagrado pela literatura neotestamentária como figura plástica de se referir à Igreja. Para Ambrósio esta forma de referir-se à Igreja em comparação com a videira é algo pedido mesmo pelo próprio Senhor Jesus. Portanto, esta será a mais bela evocação da Igreja nas obras criadas e neste ponto o autor se deterá por várias páginas. Porém, isto não significa que o pregador não se deterá longamente nas várias outras espécies de árvores e elementos da natureza que sirvam para sua finalidade de demonstrar que já na criação Deus queria a Igreja.

A videira nasce de uma pequena semente lançada ao solo e que finca fortes raízes para sua nutrição e crescimento. Desta simples semente, crescem várias ramas que se espalham e sobem até as alturas das grandes árvores ornando-as de bela grinalda num fraterno e caloroso abraço.

A ela se assemelha o povo da Igreja, que é como que plantado pela raiz da fé e retido pela mergulhia da humildade; a seu respeito diz muito bem o profeta: *transplantaste do Egito esta vinha e fixaste suas raízes, e a terra ficou repleta. Sua sombra cobriu os montes e suas ramagens os cedros de Deus. Estendeu seus sarmentos até o mar e até o rio seus rebentos* [Sl 80,9-12]. E através de Isaías, o próprio Senhor fala, dizendo: *meu amigo plantou uma vinha numa colina, num lugar fértil. Cerquei-a com uma muralha, cavei um fosso em volta desta vinha de escol e construí uma torre no meio dela* [Is 5,2]. O Senhor cercou-a, pois, com um fosso, isto é, com a proteção dos preceitos celestes e dos anjos. Com efeito, *o anjo do Senhor acampa em torno dos que o temem* [Sl 34,8] (Hexa. III, 12, 50).

Aprofundando sua reflexão entre a videira e a Igreja, Ambrósio afirma que a torre de vigia são os apóstolos e os doutores que Deus legou à Igreja para defendê-la dos riscos de uma queda em interesses meramente mundanos e para efetivar a paz em seu seio. E, para tal, os ramos estéreis devem ser cortados e jogados fora. Os bons ramos devem ser podados e replantados para que a videira continue forte e sempre dando frutos. Assim, a videira ajuda a edificar a Igreja não apenas no âmbito espiritual, mas também no âmbito social.

Como eu poderia descrever os arranjos das estacas e a graça do emparreiramento, que verdadeira e manifestamente ensinam que na igreja deve ser preservada a igualdade, para que ninguém se eleve por ser rico e honrado, ninguém se rebaixe por ser pobre, ou se desespere por não ser nobre? Deve existir para todos na Igreja uma igual e única liberdade, devem ser partilhadas por todos a justiça comum e a graça. Por isso a torre está no meio, para propagar o exemplo daqueles agricultores, daqueles pregadores, que conseguiram sustentar a cidade das virtudes [...] Por isso, para não ser abatida pelas procelas do mundo nem levada pela tempestade, a Igreja aperta com gavinhas – abraços do amor – a todos os que estão perto, e repousa na sua união. É, pois, o amor que nos liga às coisas do alto e nos introduz no céu (Hexa. III, 12, 51).

Esta analogia de cunho tipológico, pois evoca o Antigo Israel como sendo o *typo* da Igreja, termina magistralmente com o apelo ambrosiano de que os cristãos devem frutificar sempre e seus frutos devem servir para que toda a humanidade contemple na Igreja a grandiosa obra de Deus e seus benefícios para os homens. Ademais, o processo de frutificar da Igreja é um caminho para toda a vida do cristão que deve buscar a perfeição de acordo com os conselhos evangélicos e jamais colher um fruto ainda verde, ou seja, para colher o fruto da vivência cristã maduro é preciso trabalhar sempre e constantemente sem jamais vacilar na fé e na esperança em Deus.

## Os animais “ensinam” a humanidade

Ambrósio inicia a pregação do sexto dia da criação com grande entusiasmo. É o sermão em que mais utiliza elementos da retórica para chamar a atenção dos ouvintes e ter a certeza de que sua mensagem está sendo “ouvida” com o coração. Como de costume, segue a ordem dos fatos narrados no texto bíblico. Assim, tece um grande comentário sobre os animais terrestres. Assim como demonstrou grande conhecimento em *botânica* anteriormente, sua rica cultura em *zoologia* fica aqui expressa. Faz longas considerações sobre as várias espécies de animais: vai da formiga até os elefantes.

O foco, porém, do sermão do sexto dia é o ser humano em sua relação com Deus, seu criador. Portanto, diferentemente dos dias anteriores, Ambrósio limita-se apenas a dizer que também os animais são bons, pois criados por Deus. Sua abordagem das mais variadas espécies tem um único objetivo: ao evocar os animais e suas características o pregador exorta seus ouvintes à virtude que tais seres possuem ou, de modo contrário, para que os homens não sigam os instintos animais que levam aos vícios e à degradação do humano. Portanto, descreve a relação entre a natureza das outras criaturas e o ser humano da seguinte forma

Com efeito, nós não reclamamos as coroas dos atletas, que murcham, mas o verdejante discernimento de vossa santidade, pelo qual podeis perceber que por todas as criaturas perpassa a divina providência, que o consórcio da fragilidade corpórea é comum a vós e às outras criaturas, mas que, superiores a todas elas, vós sois dotados da virtude do espírito, a única que nada tem em comum com as outras (Hexa. VI, 1, 2).

O pregador justifica o motivo de não ir direto à criação do homem pelo fato de que “[...] não podemos conhecer plenamente a nós mesmos sem antes conhecermos qual seja a natureza de todos os seres vivos” (Hexa. VI, 2, 3). Os animais são diferentes do ser humano, o próprio corpo deles mostra que são privados da graça própria legada à humanidade. Portanto, ao contemplar os animais, os homens devem se empenhar em não ser como eles, ou seja, não devem ser escravos dos instintos próprios do ventre: comida e sexo. Pelo contrário, devem ser cada vez mais capazes de uma vida de acordo com a moral própria de sua natureza humana, livre de vícios e paixões:

Mas querem que aproveitem ao uso do homem as coisas que foram geradas? Não denegues a verdade de cada espécie da própria natureza, e tu as ajustarás muito melhor à graça humana. Em primeiro lugar, a natureza prostrou sobre o ventre todas as espécies de rebanhos, animais e peixes: umas se arrastam sobre o ventre; outras,

que se sustentam com os pés, pelo andar quadrúpede do corpo, podem ver que estão mais rebaixados, quase fixas à terra, do que livres, pois, como não têm capacidade de se erguer, retiram alimento da terra e buscam somente os prazeres do ventre, para o qual se curvam. Cuidado, ó homem, para não te curvares como os rebanhos, cuidado para não te curvares sobre o ventre, tanto no corpo quanto nas paixões. Observa o formato de teu corpo e assume uma aparência conveniente a teu alto vigor; deixa que apenas os animais se alimentem curvados para o chão. Por que tu mesmo te deitas para comer, se a natureza não te deitou? Por que te deleitas com aquilo que ofende a natureza? Por que te alimenta de coisas terrenas, noites e dias deitado para comer, como os rebanhos? Por que te entregas às seduções do corpo, desonrando-te a ti mesmo, ao servires ao ventre e suas paixões? Por que te privas da inteligência que o criador te atribuiu? (Hexa. VI, 3, 10).

A fim de enfatizar ainda mais sua pregação moral, Ambrósio elege alguns animais bem conhecidos do público e localiza neles algumas características que, apesar de próprias destas espécies, ao homem são desprezíveis e devem ser evitadas sob o risco de incorrer em imoralidades e denegrir a natureza humana que possui o viés da inteligência e da graça divina. Eis alguns exemplos: asno (cf. Hexa. VI, 3, 11): lentidão e preguiça; raposa (cf. Hexa. VI, 3, 12): rapina, roubo, arma ciladas; perdiz (cf. Hexa. VI, 3, 13): rouba de sua própria espécie e é uma falsa mãe jamais recompensada; leão (cf. Hexa. VI, 3, 14): arrogante em seu poder e não socializa/convive com outras espécies; leopardo (cf. Hexa. VI, 3, 15): a variação de sua cor denuncia a variação presente em sua alma, sua inconstância e infidelidade. Contudo, Ambrósio insiste que estas características são pecaminosas e vis apenas ao ser humano, ou seja, os animais são bons desde sua criação conforme a vontade divina e, mesmo nas feras mais indomáveis, elas têm boas características e que evocam o projeto de Deus para a criação.

É o que apresenta a Escritura que diz: *filhos, amai vossos pais; pais, não provoqueis vossos filhos à ira* [Cl 3,20-21]; a natureza infunde isso nas feras, para que elas amem suas próprias crias, estimem seus filhotes. Elas não conhecem ódios de madrastas; as mães, no acasalamento seguinte, não se deixam perverter pela prole e não têm preferência pelos filhos da união posterior, negligenciando os da anterior. Reconhecem seus filhotes, não conhecem diferença de amor, incentivos de ódios, separações de inimizades. A natureza das feras é simples, desconhece fraudes à verdade. Com efeito, o Senhor assim dispôs convenientemente todas as criaturas, de modo que aquelas às quais deu menos razão, favoreceu com mais sentimento (Hexa. VI, 4, 22).

O maior exemplo, porém, que ilustra a pregação foi buscado certamente no senso comum com a finalidade de aproximar ainda mais o ouvinte da cara mensagem de seu pregador. O cão, em sua busca pela verdade, por exemplo ao farejar o rastro de uma presa e seguir suas pegadas no rumo correto pelo uso de suas análises

instintivas, e pela fidelidade incondicional ao seu dono é a analogia do que deve ser o cristão na busca racional pela verdade, usando corretamente os silogismos e a boa-fé, e em sua relação com Deus. Para maior plasticidade, contou a seguinte *história*.

Dizem que em Antioquia, na parte mais afastada da cidade, na hora do crepúsculo, mataram um homem que tinha junto de si um cão. O autor do crime fora certamente um certo soldado, com a intenção de roubar. Oculto pela escuridão do dia ainda em começo, o homem retirara-se para outras partes: o cadáver jazia insepulto, um grupo numeroso de curiosos ali permanecia, o cão chorava a desgraça de seu dono por causa de um lucro lastimável. Casualmente, aquele que cometera o assassinato, como procede a astúcia da mente humana, presumindo a garantia de andar em lugar público para granjear a fé de sua inocência, aproximou-se daquela roda de curiosos e, como quem se apieda, achegou-se ao cadáver. Então, o cão pegou em armas para vingar o sofrimento causado pelo roubo cometido havia pouco; manteve preso o ladrão e, numa espécie de peroração, como que sussurrando em canto patético, arrancou lágrimas de todos, conferiu credibilidade à prova, porque agarrou um só dentre muitos e não o deixou. Finalmente, o assassino, perturbado por não poder contestar indício tão manifesto de sua culpa, sem poder objetar ódio, nem inimizade, nem inveja ou alguma ofensa, não conseguiu negar o crime por muito tempo. E assim, já que não pudera garantir a defesa, porque era mais difícil, o cão conseguiu o castigo. Que digna retribuição damos a nosso criador, de quem nos vem o alimento? Além de ocultarmos nossas ofensas, muitas vezes oferecemos aos inimigos de Deus os banquetes que recebemos de Deus! (Hexa. VI, 4, 24).

### “À imagem de Deus”

A passagem da criação dos animais terrestres para a criação do homem é feita de modo apoteótico por Ambrósio. Ele narra a criação das grandes feras, como o leão, o tigre, o leopardo e o urso, e suas características belas e indomáveis. Após estas, passa para a exuberância e grandiosidade do elefante – a maior e a mais forte dentre todas as criaturas terrestres. Ante tais animais, que lugar ocupa o homem? Certamente o homem não é o maior e nem o mais forte e voraz entre os seres criados. Contudo, tais feras são facilmente domesticadas e colocadas ao serviço ou à diversão da humanidade.

Com efeito, já que haveremos de falar sobre a criação do homem, devemos antecipar e pregar o seu valor. A criação parece não ter nada mais forte do que os elefantes, nada tão terrível e tão grande; nada tão feroz quanto os leões e os tigres. E estes animais servem ao homem e contrariam sua natureza quando adestrados pelo homem. Esquecem-se de como nasceram e vestem o que lhes mandam. Que mais ainda? São ensinados como crianças, servem como os fracos, são admoestados como os medrosos, são corrigidos como os súditos, adotam os nossos costumes,



porque perderam os próprios (Hexa. VI, 6, 36).

Diante desta realidade o pregador coloca a questão de qual seria a *natureza* do homem. Para ele a resposta é simples: a natureza do homem é ser criado à imagem de Deus. Mas, antes de entrar no mérito do que seria a criação à imagem de Deus, Ambrósio parece ter ainda uma pendência doutrinal a acertar principalmente com os arianos. E, neste ponto, nosso pregador é enfático e incisivo. Começa conjecturando sobre o *façamos* de Gn 1,26. Neste versículo Ambrósio não vê problema algum em interpretá-lo à luz da criação em Cristo de Cl 1,12-20 que afirma Cristo como o primogênito de toda criatura onde todo o criado foi feito nele-para-por Ele.

*Façamos*, diz a Escritura, *o homem à nossa imagem e semelhança* [Gn 1,26]. Quem diz isto? Porventura não é Deus, que te fez? O que é Deus? Carne ou espírito? Certamente não é carne, mas espírito, ao qual a carne não pode ser semelhante, porque o espírito é incorpóreo e invisível, ao passo que a carne se percebe e se vê. A quem Deus diz? Não é com certeza a si mesmo, porque não diz “faça eu”, mas “façamos”; não é aos anjos, porque são seus ministros, e os servos não podem ter participação na obra do Senhor, nem as obras na ação do autor; diz ao Filho, embora não queiram os Judeus, embora repugne os Arianos. Mas calem-se os Judeus e emudeçam os Arianos com seus súditos, que, ao excluírem um só da participação na obra divina, inserem muitos e concedem a escravos a prerrogativa que negam ao Filho (Hexa. VI, 7, 40).

É importante perceber que a defesa ambrosiana da criação à imagem pelo Pai e pelo Filho incidirá não apenas na tentativa de resolução das controvérsias cristológicas dos primeiros séculos cristãos ao afirmar a eternidade do Verbo, mas, também, na forma de se tratar o ser humano diante do mistério da encarnação e da salvação. Com esta finalidade, ou seja, deixar claro que o ser humano é criado à imagem de Deus, o Bispo de Milão se embrenha pelas Escrituras e demonstra que o Verbo encarnado é a imagem do Pai e, em contrapartida, a imagem do Pai é a imagem do Filho. Ora, como o Verbo se encarnou em nossa humanidade, somos, portanto, criados à imagem de Deus.

Mas escuta aquele que diz quem é a imagem de Deus: *aquele que nos arrebatou do poder das trevas, diz, e nos transportou para o reino do Filho, claridade sua, no qual temos a redenção e a remissão dos pecados, aquele que é a imagem do Deus invisível e o primogênito de toda criatura* [Cl 1,13-15]. Ele próprio é a imagem do Pai, que sempre é e era no princípio. Enfim, a imagem é aquele que diz: *Filipe, quem me vê, vê o Pai* [Jo 14,9]. E tu, quando vês a imagem viva do Pai vivente, *como podes dizer: mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e o Pai está em mim?* [Jo 14,9-10]. A imagem de Deus é a virtude, não a tibieza, a imagem de Deus é a sabedoria, a imagem de Deus é a justiça [cf. 1Cor 1,24-25.27.30] – e a sabedoria é divina e a justiça é

eterna. A imagem de Deus é só aquele que diz: *eu e o Pai somos um* [Jo 10,30], aquele que tem a semelhança do Pai, assim como tem a unidade da divindade e da plenitude. Onde Deus diz *façamos*, como pode haver desigualdade? Quando novamente diz à nossa semelhança, onde está a dissemelhança? Assim também no evangelho, onde diz *eu e o Pai*, certamente não se trata de uma só pessoa; porém, onde diz *somos um*, não nenhuma discrepância entre a divindade e a obra. Portanto, não há em ambos uma só pessoa, mas uma só substância. E acrescentou com razão *somos*, porque ser é sempre divino, para que tu creias que é coeterno aquele que julgavas ser dissemelhante. De fato, é eterno aquele de quem fala Moisés: *aquele que é me enviou* [Ex 3,14]. E o evangelho, também com muita propriedade, antepôs *eu e o Pai*. Pois se tivesse anteposto o Pai, tu julgarias o Filho menor; mas antepôs o Filho, que não convém crer que é superior ao Pai, e acrescentou o Pai, para que percebas que Deus Pai e Filho não se sujeitam ao preconceito desta ordem (Hexa VI, 7, 41).

Embora o embate ambrosiano seja contra os arianos, os gnósticos e a filosofia helenista pagã, ele não conseguirá romper totalmente com o esquema dualista platônico e neoplatônico. No caso da criação do homem o dualismo fica evidente na separação corpo-alma. Contudo, há um claro discordar de que a carne seja má. Ambrósio não só afirma a bondade de todo o criado por Deus, inclusive o corpo humano, como fará uma longa e detalhada descrição da beleza e das funções do corpo humano desde sua forma até a inteligência e os sentidos.

Mas ainda é preciso dizer algumas coisas sobre o corpo do homem, porque ninguém poderia negar que é superior aos outros, em graça e beleza. Pois, ainda que pareça ser uma só e a mesma substância de todos os corpos terrenos, embora a força e a estrutura sejam maiores em alguns animais, contudo a forma do corpo humano é mais bonita; sua posição é ereta e elevada, sua estatura não é alta demais, nem baixa, nem vil e abjeta. Assim, a própria compleição do corpo é harmoniosa e graciosa, de forma que não tem o terror de um tamanho bestial, nem a debilidade de uma tênue delicadeza (Hexa. VI, 9, 54).

Como o neoplatonismo é a plataforma comum de sua época, Ambrósio, mesmo valorizando a carne como bondade criada por Deus, dará destaque mesmo à alma. Para ele, a criação humana à imagem de Deus está na alma. “Examinemos mais corretamente o que seja à imagem de Deus. A carne é porventura à imagem de Deus? Portanto, em Deus há terra, porque a carne é terra; então Deus é corpóreo, então é fraco como a carne e sujeito às paixões?” (Hexa. VI, 8, 44). Assim, como a alma é a dimensão mais interior do ser humano e a que mais remete ao mistério da criação, Ambrósio afirma com segurança que alma é a imagem de Deus e ela mesma, ou seja, a alma é o ser humano em sua inteireza.

Nossa alma é, pois, à imagem de Deus. Nelas estás inteiro, ó homem, porque sem

ela nada existe, mas tu és terra e em terra te dissolverás [Gn 3,19]. Enfim, para que saibas que sem a alma a carne nada é, diz a Escritura: *não temais aqueles que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma* [Mt 10,28]. Por que então te glorias na carne, tu que nada perdes, se perderes a carne? Mas teme o seguinte: seres privado do socorro de tua alma. Com efeito, o que dará o homem em troca de sua alma, na qual está não pequena parte de si mesmo, mas a substância completa da humanidade total? É por ela que dominas sobre os outros seres vivos, feras e aves; ela é à imagem de Deus, ao passo que o corpo é à imagem dos animais. Nela há um piedoso sinal da imitação divina, nele um indigno consórcio com os animais selvagens e as feras (Hexa. VI, 7, 43).

## O criador repousou

Ambrósio tem como último tema de seu sermão o repouso de Deus. Continua seguindo a ordem do relato bíblico. Converte com a narração escriturística em afirmar que com a criação do ser humano a obra da criação estava terminada. Mas, o tema do descanso divino é muito caro para ele e, por isso, aprofundará o sentido místico deste versículo. Porém, como já se encontra muito avançado na pregação e não quer cansar em demasia seus ouvintes, procura ser breve e sintético nesta mensagem.

Enfim, embora tivesse feito os peixes, embora tivesse feito as espécies de feras e animais selvagens, não descansou: só descansou depois que fez o homem à sua imagem. Escuta-o dizer em quem ele repousa: *sobre quem repousarei, senão sobre o humilde e tranquilo, que treme diante de minhas palavras?* Sê, pois, humilde e tranquilo, para que Deus repouse em seu espírito. Aquele que não repousou nos animais, com muito mais razão não repousa num coração bestial (Hexa. VI, 8, 49).

Portanto, o repouso de Deus ao fim da criação tem o propósito místico da comunhão entre criador e criatura. Mas, após o pecado de Adão este repouso de Deus no homem só é possível a partir de uma vida inserida no mistério de Cristo e na constante tarefa do autoconhecimento humano: “Conhece-te, pois, bela alma, porque és a imagem de Deus. Conhece-te, homem, porque és a glória de Deus” (Hexa. VI, 8, 50). Diante de tão grande mistério da habitação divina no homem advém o respeitoso silêncio que projeta o homem na busca de cumprir sua vocação: a comunhão com Deus restaurada pelo mistério da redenção, pois, “com efeito, aquele que fez, repousos” (Hexa. VI, 10, 76), ou seja, quis estar com o homem e tornou sua criatura capaz Dele.

## Considerações finais

Como demonstramos acima, o *Hexaëmeron* ambrosiano, para além de sua teologia ortodoxa sobre a criação, apresenta os embates próprios do Bispo de Milão no governo de sua igreja particular. A presença destes temas numa celebração de fé cristã – pregações proferidas em ambientes litúrgicos próprios da Semana Santa – não era estranha às vivências eclesiais de Milão no século IV. Pois, além da instrução própria dos fiéis, a assembleia não era formada apenas por crentes. Tal perspectiva nos testemunha Agostinho em suas Confissões, quando narra sua designação para ser professor de retórica em Milão, à época carregado de ideias maniqueístas.

Assim que cheguei a Milão, encontrei o bispo Ambrósio, conhecido no mundo inteiro como um dos melhores, e teu fiel servidor. Suas palavras ministravam constantemente ao povo a substância do teu trigo, a alegria do teu óleo e a embriaguez sóbria do teu vinho. Tu me conduziás a ele sem que eu o soubesse, para que eu fosse por ele conduzido conscientemente a ti. Esse homem de Deus acolheu-me paternamente e ficou feliz com a minha chegada, na bondade digna de um bispo. Comecei a estimá-lo, a princípio não como mestre da verdade, pois na tinha esperança de encontrá-la em tua Igreja, mas como homem bondoso para comigo. Acompanhava assiduamente suas conversas com o povo, não com a intenção que deveria ter, mas para averiguar se sua eloquência merecia a fama de que gozava, se era superior ou inferior à sua reputação. Suas palavras me prendiam a atenção. Mas, o conteúdo não me preocupava, até o desprezava. Eu me encantava com a suavidade de seu modo de discursar; era mais profundo, embora menos jocoso e agradável que o de Fausto quanto à forma. A respeito do conteúdo, porém, não era possível qualquer comparação: perdia-se este último entre as falsidades dos maniqueus, ao passo que o outro ensinava a doutrina mais sadia da salvação (SANTO AGOSTINHO, 1997: 137-138).

É muito difícil precisar com segurança o público que formava a assembleia litúrgica em Milão no IV século pelo simples fato de que Ambrósio não registrava isso em seus sermões, pois, este ato não era comum<sup>6</sup>. Entretanto, justamente por não haver este registro, podemos com certa margem de segurança intuir a formação do auditório ambrosiano. Por se tratar de ato celebrativo tão solene quanto a Semana Santa, há que se convencer que toda a classe de cristãos milaneses se fazia presente em grande número: homens e mulheres; idosos, adultos, jovens e crianças; clérigos – presbíteros e diáconos – e leigos – possivelmente também representantes da vida monástica masculina e feminina; público majoritariamente urbano; por Milão ser residência imperial, altos funcionários romanos, aristocratas e mesmo membros da

6 Sobre a composição dos auditórios celebrativos antigos, cf. OLIVAR, 1991: 761-770.

família imperial, militares, políticos, intelectuais, plebe; escravos e livres; cristãos, catecúmenos e não cristãos<sup>7</sup>; pessoas de cultura e pessoas com pouca ou nenhuma formação. Assim, parece que os ouvintes do *Hexaëmeron* ambrosiano não se diferiam em nada do público comum das assembleias cristãs de todos os tempos e, mesmo sem fonte segura, podemos afirmar que a maior parte era formada pelas camadas simples da cidade, não obstante a presença de dignatários e pessoas com maior formação e capacidade intelectual.

Ter em consideração a heterogeneidade da assembleia que recebeu as homilias sobre o *Hexaëmeron* é fundamental para se dimensionar bem o tamanho e urgência dos conflitos abordados nesta obra ambrosiana e também demonstra que o Bispo de Milão enfrentou estas situações difíceis de modo direto e pessoal, fazendo da pregação a arma da fé na arena teológica polissêmica de sua época a fim de levar a ortodoxia nicena à vitória final sobre movimentos heterodoxos e não-cristãos.

Decorrente de tudo isto, concluímos, no sentido de proposta, que o *Hexaëmeron* ambrosiano do século IV possui dupla estruturação e duplo objetivo: os primeiros, já abordados mais acima, seriam voltados para a Teologia da Criação propriamente dita, trazendo exegeses sobre o texto bíblico de Gn 1,1 – 2, 4a., estruturando a obra em sermões que abordam cada um dos seis dias da criação, acrescentando o sétimo dia como *epílogo* da obra, assim, do ponto de vista ortodoxo/niceno, a obra se encaixa devidamente no espírito das celebrações eclesiais da Semana Santa. Já o segundo objetivo da obra seria o enfrentamento aberto de situações que questionavam a vivência eclesial cristã e precisavam de um posicionamento por parte da autoridade eclesial. Daí, propomos que há uma clara segunda estruturação paralela aos seis dias da criação no *Hexaëmeron* em seis conflitos abertos em Milão e que são tratados na obra: 1) o problema da filosofia grega da eternidade e da origem do mundo, atingindo também judeus e arianos por conta da criação pelo Verbo; 2) embate contra o dualismo helenista tão presente entre arianos, eunomianos e gnósticos sobre a bondade do mundo e da matéria; 3) proteção da Igreja contra os interesses mundanos, o que incide direto na relação das autoridades imperiais com as eclesiais, no sentido da manutenção da unidade da Igreja; 4) luta contra o paganismo e concretização da moral cristã, livre de vícios e degradação; 5) proposta de uma ética relacional apoiada na antropologia bíblica que não despreza os corpos; e 6) inclusão de todo ser humano ao chamado da salvação e não apenas aos privilegiados sociais. Sob nosso ponto de vista esta dupla estruturação da obra chega ao ouvinte/leitor de modo espelhado, ou seja, ao mesmo tempo que o Bispo *teologa* a doutrina cristã nicena, ele legisla e se investe da autoridade que incide e transforma seu meio social,

<sup>7</sup> Aqui entra o relato de Agostinho citado anteriormente e, possivelmente, ele não foi um caso isolado.

demonstrando a força e a eficácia da pregação como meio de abordagem e modelação social.

## Fontes

*Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

PAULINO DE NOLA. *Vita Sancti Ambrosii*. [http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397,\\_Ambrosius,\\_Vita\\_Sancti\\_Ambrosii\\_Mediolanensis\\_Episcopi\\_\[A\\_Paulino\\_Ejus\\_Notario\],\\_MLT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0339-0397,_Ambrosius,_Vita_Sancti_Ambrosii_Mediolanensis_Episcopi_[A_Paulino_Ejus_Notario],_MLT.pdf) [Consultado 21 de fevereiro de 2019].

SANTO AMBRÓSIO. *Examerão*. Os seis dias da criação. São Paulo: Paulus, 2009.

## Referências bibliográficas

AYRES, Lewis. *Nicea and Its Legacy*. An approach to Fourth-Century Trinitarian Theology. Oxford: University Press, 2004. <https://epdf.pub/nicaea-and-its-legacy-an-approach-to-fourth-century-trinitarian-theology.html> [Consultado 31 de maio de 2020].

BAUNARD, Mgr. *Histoire de Saint Ambroise*. Paris: Libraire Ch. Poussielgue, 1899.

BENEDITO, André Luiz. A sacramentalidade da Palavra de Deus. Uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. 350 f. Tese (Doutorado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.

BENTO XVI. *Os Padres da Igreja*. De Clemente Romano a Agostinho. Vol. I. Campinas: Ecclesiae, 2012: I.

BENTO XVI. *Os Padres da Igreja*. De São Leão Magno a São Bernardo de Claraval. Vol. II. Campinas: Ecclesiae, 2013.

COELHO, B. A. *A Teologia da Criação de São Boaventura*. Uma necessária comparação entre o Hexaëmeron de São Boaventura (séc. XIII) com o Hexaëmeron de Santo Ambrósio (séc. IV). Curitiba: Editora CRV, 2019.

CONTRERAS, E.; PEÑA, R. *El contexto histórico eclesial de los Padres Latinos, siglos IV-V*. Buenos Aires: Victoria, 1993.

DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrología*. Barcelona: Herder, 1999.

FRANGIOTTI, Roque. Introdução. In: *Ambrósio de Milão*. São Paulo: Paulus, 2005.

GARCÍA, Bernardo Sánchez. *Manual de Patrología*. Barcelona: Editorial CLIE, 2005.

HAMMAN, A. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1980.

LLORCA, Bernardino. *Historia de la Iglesia Católica*. Edad Antigua: La Iglesia en el mundo grecorromano. Vol. I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1976.

OLIVAR, Alexandre. *La Predicación Cristiana Antigua*. Barcelona: Herder, 1991.

ROGIER, L.-J; AUBERT, R; KNOWLES, M.D. (dir.) *Nova História da Igreja*. Dos primórdios a São Gregório Magno. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1973.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997.

SANCHEZ, Manuel Diego. *Historia de la Espiritualidad Patristica*. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1992.

SPANNEUT, Michel. *Os Padres da Igreja: séculos IV-VIII*. São Paulo: Loyola, 2002: II.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *O mar de Santo Ambrósio e os domínios da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2008.

VIDAL, Marciano. *Historia de la Teología Moral*. La Moral en el Cristianismo Antiguo (ss. I-VII). Madrid: El Perpetuo Socorro, 2010.

WILLIAMS, Daniel H. *Ambrose of Milan and the End of the Arian-Nicene Conflicts*. Oxford: Clarendon Press, 1995. <https://epdf.pub/queue/ambrose-of-milan-and-the-end-of-the-nicene-arian-conflicts-oxford-early-christia.html> [Consultado 31 de maio de 2020]